

2016

EM DEBATE

OPINIÃO PÚBLICA E CONJUNTURA POLÍTICA

Um periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública,
Marketing Político e Comportamento Eleitoral

Ano 8 - N. 05
Julho de 2016
ISSN: 2176 - 4883



DOSSIÊ

Gênero, política e eleições

Alice Lima

Luciana Panke

Joyce Martins

Fernanda Freire

Cyrana Veloso

OPINIÃO

Beatriz Sanchez

RESENHA

Felipe Riccio



Periódico Eletrônico do Grupo de Pesquisa
Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral
Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Presidente Antônio Carlos 6627
Campus Pampulha - CEP 31270-901 - Belo Horizonte - MG - Brasil - Tel (31) 34093823

"SE SER LIVRE É SER VADIA, SOMOS TODAS VADIAS?" A MARCHA DAS VADIAS E OS MOVIMENTOS FEMINISTAS BRASILEIROS ¹

Cyrana Borges Veloso
Universidade Federal de Minas Gerais
✉cyrana.veloso@gmail.com

Resumo: O movimento *Slutwalk*, traduzido posteriormente no Brasil como *Marcha das Vadias*, surgiu no Canadá em 2011, quando jovens mulheres universitárias se uniram para protestar contra declaração de um policial canadense, em relação aos casos recorrentes de estupro no campus da Universidade de Toronto. O artigo apresenta a *Marcha das Vadias*, suas principais características, motivações, sua organização e críticas, com o objetivo de perceber o que a *Marcha das Vadias* pode nos elucidar e indicar sobre contrastes e continuidades das 'ondas' ou 'gerações' do movimento feminista. Assim sendo, a tentativa desse trabalho é compreender as possibilidades, construções e a conjuntura do movimento feminista pós-segunda onda, indicando os contornos de um pretenso "feminismo contemporâneo" – termo usado aqui como categoria conceitual.

Palavras-chave: movimento feminista; marcha das vadias; feminismo contemporâneo

Abstract: The *Slutwalk* movement, later translated in Brazil as '*Marcha das Vadias*' was first held in Canada 2011, where young university women got together to strike against a statement from a Canadian police officer regarding recurrent events of rapes at the campus of the University of Toronto. This article presents the *Slutwalk*, main characteristics, motivations, organization, and critics with the object of realizing what *Slutwalk* can clarify and indicate contrasts and continuities of feminist 'waves' or 'generations'. Therefore, the attempt of this work is to understand the possibilities, development and environment of the post-second feminist movement, indicating the contours of a so-called "contemporary feminism", used here as a conceptual category.

Keywords: feminist movement; *Slutwalk* movement; contemporary feminism

O feminismo brasileiro pode ser compreendido e interpretado pela marcação - do que encontramos na literatura - como duas ondas que marcam rupturas, dinâmicas de mudanças e continuidades do movimento. A primeira

¹ Esse artigo é fruto de resultados obtidos da dissertação da autora, intitulada, "Vadias das alterosas: um estudo do movimento da *Marcha das Vadias* de Belo Horizonte" apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais em Junho de 2016.

DOSSIÊ
CYRANA BORGES VELOSO
"SE SER LIVRE É SER VADIA, SOMOS TODAS VADIAS?" A MARCHA DAS VADIAS E OS
MOVIMENTOS FEMINISTAS BRASILEIROS

onda do feminismo brasileiro inicia-se no século XIX e caminha até as primeiras décadas do século XX. Coincidindo com a consolidação da República e o estado liberal brasileiro, as feministas da primeira onda, no Brasil, se articulavam em lutas e reivindicações na busca por igualdade entre homens e mulheres, ampliação dos direitos, fim dos casamentos arranjados e posteriormente o sufrágio feminino. Constituído por figuras como Bertha Lutz, Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Maria Eugênia Celso, neste momento primário, o movimento estava marcadamente fundamentado na obtenção de direitos fundamentais, tanto sociais quanto políticos, e na paridade jurídica, política e social entre os sexos.

A segunda onda do feminismo, por sua vez, pode ser localizada no período histórico conformado entre a década de 1960 e a de 1980. No Brasil, como em grande parte da América Latina, este período compreendeu a existência de ditaduras políticas que deram novos contornos às reivindicações feministas. Este segundo momento do movimento é marcado por um discurso intelectual, filosófico e político, em boa medida propiciado pelas várias leituras e contatos feitos em exílios fora do Brasil. Marcada pela aproximação da militância política e da contracultura, a segunda onda feminista presta-se a confrontar e subverter as regras, tácitas ou explícitas, de ordem social, política e cultural, amarrada às estruturas sexistas de poder.

A definição e a conformação dessas duas ondas do feminismo são endossadas, fundamentalmente, pelo período histórico inserido, bem como pelas rupturas e mudanças em suas pautas, atrizes, conquistas e interesses. A conclusão, suplantação ou superação das fases é fruto de debate teórico-discursivo que elabora um campo capaz de viabilizar conceitos e interpretações. Em suma, não há uma definição positiva ou assertiva na delimitação entre as duas ondas. A narrativa histórica do movimento é primordialmente embasada em perenidades e discontinuidades.

DOSSIÊ
CYRANA BORGES VELOSO
"SE SER LIVRE É SER VADIA, SOMOS TODAS VADIAS?" A MARCHA DAS VADIAS E OS
MOVIMENTOS FEMINISTAS BRASILEIROS

Marcado pelo pressuposto de mudanças - a inserção de novas pautas, agentes e atrizes - e continuidades - correspondência com as lutas anteriores - o conceito de “onda” ainda causa dissensos acerca de sua convencionalidade teórica e interpretativa. Apesar de não se tratar de um conceito hegemônico, grande parte das análises trabalha com a proposição de ondas como unidades de análise para a compreensão histórica do feminismo (CORREA, 2001; COSTA, 2005; PINTO, 2003; SOARES, 1998). As ondas são marcadas por um recorte temporal minimamente delimitado e pela conformação de concepções e de práticas que têm certa preponderância capaz de firmar um grupo mais ou menos coeso.

Esta construção narrativa (“ondas”) tem sido fonte de discordâncias, pois a partir desta visão dual, quase antagônica, das rupturas e continuidades do movimento, há a possibilidade da produção de uma espécie de periodização (GOMES, 2014; SORJ, 2014). Contudo, a crítica à concepção da metáfora das ondas sugere um contínuo movimento em direção à superação e uniformização, a fim de dar conformação às estruturas teóricas.

Outra conceituação possível é a ideia de “gerações do feminismo”, que surge a fim de não suprimir diversos grupos, atores e atrizes, problemáticas que coexistem e disputam sentidos, significados e discursos dentro do movimento. A interpretação feita a partir da lógica das “gerações” visa descentralizar e decompor a visão uniformizadora que por vezes suprime a compreensão dos diversos grupos, interesses e pautas constitutivas do movimento segundo Motta e Weller (2010).

A discussão entre os conceitos que melhor encaram as etapas ou épocas do feminismo é um campo fértil. Cada pesquisador e pesquisadora, à luz de suas experiências pessoais, seu tempo, e seu presente específico, lança mão e gere visões particulares sobre o processo histórico (SCHNEIDER, 2009). Entretanto, a proposição primária deste artigo se envereda por outros marcos,

não cabendo aqui uma discussão mais aprofundada sobre o argumento epistemológico e constitutivo dos termos “ondas” e “gerações” e nem se aprofundar nos acontecimentos marcantes da primeira e segunda “ondas” do feminismo brasileiro.

Feminismo pós-segunda onda: delineando o feminismo contemporâneo

O feminismo pós-segunda onda é um momento de permanências, persistência e sequência não o entendemos como uma “terceira onda” ou “terceira geração” do feminismo brasileiro, mas sim a perspectiva de um feminismo contemporâneo. Ainda que haja críticas sobre a adequação do termo “contemporâneo”, com a sua utilização parecendo um tanto forçosa, defendendo-o por se tratar de um novo marco teórico-conceitual ancorado às demandas intelectuais por revisões, atualizações e mudanças de perspectiva analítica.

Esse momento atual do movimento feminista brasileiro vem se desenvolvendo desde a década de 1990, assumindo continuidades, rupturas, superações e ampliações, em acordo com seu momento histórico, suas possibilidades, seu contexto político e social. O feminismo contemporâneo esbarra em questões ainda bastante primitivas e, ao mesmo tempo, amplia seus contornos para dar conta das novas pautas, novos atores/atrizes, novas demandas que se colocam de forma mais atual. Testemunhas de duas importantes gerações do feminismo, de importantes transformações culturais e sociais, as feministas contemporâneas não representam a sucessão e suplantação de suas antecessoras; antes, falam de agregação, sororidade, teias e feminismos plurais.

Sendo assim, a escolha do termo contemporâneo torna-se um conceito. O feminismo contemporâneo ajusta-se à própria concepção do tempo em que se insere. Ser contemporâneo está atrelado, em sua concepção, não somente a

transitar e existir, mas produzir sentidos, desenvolver discursos e interpretações no presente.

O feminismo contemporâneo está em desenvolvimento. Com raízes perenes do passado, marcado por intersecções de lutas e conquistas, apropriase e se cria um feminismo do tempo presente. Assim, o tempo presente, o contemporâneo, nos fala sobre pautas, atores/atrizes, ações e práticas que fazem sentido no contexto político, social e histórico em que se inserem.

A Marcha das Vadias: reflexos de um movimento feminista contemporâneo

A primeira Marcha das Vadias aconteceu no Brasil em 2011, poucos meses depois de ter acontecido no Canadá pela primeira vez. Foi por meio da internet que várias pessoas tomaram conhecimento da marcha canadense. Em solidariedade e por identificarem-se com as causas defendidas pela marcha - das quais falaremos a seguir -, jovens mulheres paulistanas organizaram-se para a realização do movimento na cidade de São Paulo, onde aconteceu a primeira Marcha das Vadias no Brasil. Rapidamente, por meio da rede social Facebook, outras cidades como Belo Horizonte, Brasília e Recife, ainda em 2011, tiveram conhecimento do movimento e resolveram organizar suas próprias marchas. Então, desde o referido ano, a marcha vem acontecendo em inúmeras cidades brasileiras anualmente.

Sua origem se encontra num episódio ocorrido no Canadá, em 2011: a declaração de um policial diante de recorrentes casos de estupro no campus da Universidade de Toronto, responsabilizando as próprias mulheres pela violência sofrida, sendo o estopim para a organização da primeira marcha. Destinada a questionar a naturalização da violência contra as mulheres, a marcha assumiu como “lema” a expressão preconceituosa do próprio policial,

DOSSIÊ
CYRANA BORGES VELOSO
"SE SER LIVRE É SER VADIA, SOMOS TODAS VADIAS?" A MARCHA DAS VADIAS E OS
MOVIMENTOS FEMINISTAS BRASILEIROS

que alertou as estudantes para que evitassem se vestir como “vadias” para não se tornarem vítimas em potencial.

Segundo Helene (2013), a Marcha das Vadias teve uma repercussão midiática global nos últimos três anos, elevando as questões de gênero a níveis inéditos de debate público. Há alguns elementos da Marcha das Vadias, que não são exclusivos e que já foram e são usados como recursos/formas de protesto em movimentos feministas anteriores, como o uso político do corpo e muitas vezes da nudez durante os protestos da Marcha. Há também a tentativa de ressignificação da palavra Vadia, porém, o termo é recebido de forma conflitante entre as feministas:

O uso político da nudez e do termo “vadia” é considerado por essas outras matrizes feministas contraprodutivo enquanto estratégia política, pois além de corroborar a opção “individualista” pelo corpo, será sempre lido de maneira sexista pelos observadores e acaba aprofundando a dominação que pretende combater. (GOMES, SORJ, 2014, p. 443-445)

As pautas da Marcha das Vadias que inicialmente eram a violência contra mulher e o direito ao corpo se tornaram mais amplas com o passar dos anos, indo de encontro com pontos que tangenciam os vários movimentos feministas atuais, como identidade gênero, corporeidade e sexualidade, e, “por exemplo, o transfeminismo, o transgênero, o pós-gênero, o *queer*, e outros debates trazidos pelas trabalhadoras do sexo, mulheres trans, lésbicas, e bissexuais” (ALVAREZ, 2014, p. 44). Outros grupos também ganham espaço e podem ser alguns dos marcantes de descontinuidade com feminismos anteriores, contribuindo para impulsionarem o debate no movimento feminista, como nos elucida a autora:

Outros setores, como as Marchas das Vadias, contribuem para as discussões ao impelirem o campo feminista para além dos binarismos de gênero, muito além dos essencialismos corporais – mesmo diante contínuas resistência. Esses discursos fundamentalmente implodem não só a categoria “mulher”, mas a

DOSSIÊ
CYRANA BORGES VELOSO
"SE SER LIVRE É SER VADIA, SOMOS TODAS VADIAS?" A MARCHA DAS VADIAS E OS
MOVIMENTOS FEMINISTAS BRASILEIROS

própria noção do feminismo, de quem seriam os seus sujeitos privilegiados e sua visão de mundo compartilhada. (ALVAREZ, 2014, p. 44)

Ainda sobre pautas e lutas que tangenciam os movimentos feministas atuais Garcia (2015) ainda nos diz mais:

E aparecem outras temáticas: a construção da identidade de gênero; a pornografia e a sexualidade; os direitos das trabalhadoras do sexo; as reflexões sobre as identidades queer; a crítica à institucionalização do movimento gay e lésbico; as lutas contra a AIDS; questões sobre o corpo e a saúde ambiental; a questão da autonomia; as novas formas de expressão política; as lutas e resistências cotidianas das mulheres imigrantes e ilegais organizadas por meio de redes diversas; a crítica à precarização da existência na globalização e muitos outros. (GARGIA, 2015, s/p)

No que se refere às formas de ação não somente da Marcha das Vadias mas desse pretenso movimento feminista contemporâneo apresentado no artigo, o uso ativista da internet e das redes sociais não pode deixar de ser mencionado. Para Alvarez (2014), a internet permitiu a constituição de redes que aprofundaram contatos de diferentes organizações e grupos feministas, que, apesar de já existirem, tiveram sua comunicação e ação facilitadas, criando outras redes de comunicação. A Marcha das Vadias, teve a sua expansão global muito por causa destes espaços virtuais:

[...] por meio da rápida troca de informações proporcionada pela internet, a marcha foi organizada em diversas cidades pelo mundo. Em países de língua espanhola, o protesto ganhou o nome de Marcha de las putas ou Marcha de las vagabundas. No Brasil, São Paulo foi a primeira cidade a organizar uma marcha, em 2011, adotando o termo “vadias”. A rapidez com que a marcha se disseminou pelo país e mobilizou a juventude é indissociável das possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem ao ativismo político. Já em 2012, no segundo ano do advento da Marcha das vadias, 23 cidades, de todas as regiões do Brasil organizaram protestos usando ferramentas como Facebook, Twitter, Youtube, blogues e email. (GOMES, SORJ, 2014, p. 437)

E por fim, há uma última característica da Marcha das Vadias, atrelada ao uso da internet como meio de se organizar que é a “própria predominância

da modalidade ‘Marcha’” como nos diz Alvarez (2014). A autora menciona Marcha Mundial das Mulheres, Marcha das Margaridas, Marcha das Mulheres Negras ou até mesmo Marcha do Orgulho LGBT - manifestações que assim como a Marcha das Vadias surgiram nas últimas duas décadas - sendo essas reflexo de “meios massivos de comunicação e interação” como a internet. A autora ainda cita a “lógica da agregação” de Juris (2012) “que envolve a aglomeração de massas de indivíduos de diversas origens em espaços físicos e manifestações eventuais.” (ALVAREZ, 2014, p. 45)

Considerações finais

A presença dos movimentos feministas no Brasil é marcada, por uma variação considerável de identidades políticas, diferentes graus de institucionalização e diversos modos de expressão. Para além da existência das duas ondas do movimento feminista, trouxemos a Marcha das Vadias, objeto central deste artigo, como sendo uma das expressões do feminismo contemporâneo, para nos ajudar a entender os contrastes e as continuidades em relação às diferentes ondas do feminismo. A Marcha, a partir de todas as suas especificidades mencionadas até aqui, nos serve como um caleidoscópio para entender pontos cruciais do *modus operandi* dos movimentos feministas atuais.

Nossa discussão foi ancorada nos trânsitos da conjuntura política, social e cultural do séc. XXI. Ainda que não haja, no campo intelectual, uma perspectiva uníssona a respeito da existência da pós-modernidade, vivemos uma experiência pós-moderna: as rupturas e descontinuidades com as práticas, saberes, discursos e impossibilidades marcam significativamente os movimentos sociais e feministas deste século. Neste contexto de transformações históricas, amplia-se a inteligibilidade de grupos, indivíduos, posicionamentos dos mais diversos, requerendo seu local de fala, legitimidade,

e tomada de espaço em um mundo que não se explica pela adequação, nem pela conformação. Disputas discursivas, simbólicas e nos repertórios de ação coexistem num movimento feminista em construção.

Referências

- ALVAREZ, Sônia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cad. Pagu*, Campinas, n.43, p.13-56, janeiro-junho, 2014.
- CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cad. Pagu*, Campinas, n.16, p.13-30, 2001.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. "O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de Uma Intervenção Política". *Gênero*, Niterói, v.5, n.2, p.9-36, 2005.
- GARCIA, Carla Cristina. *Os novos feminismos e os desafios para o século 21*. *Cult*, São Paulo, v. 199, n. 18, s/p 03/2015. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/03/os-novos-feminismos-e-os-desafios-para-o-seculo-21/>. Acesso em: 03/11/2015
- GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. *Sociedade e estado*, Brasília, v.29, n.2, p.433-447, ago. 2014.
- HELENE, Diana. A Marcha das Vadias: o corpo da mulher e a cidade. *Redobra*, Salvador, n.11, ano 4, p.68 -79, 2013.
- MORAIS, Janaina de Araujo. "*Liberdade ainda que Vadia*": uma etnografia sobre a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro 2013, 2015. Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2015.
- MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Soc. estado*, Brasília, v.25, n.2, p.175-184, Agos. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200002> Acessado em nov 2015
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- SCHNEIDER, Liane. 'Contando histórias feministas' e a reconstrução do feminismo recente". *Revista Estudos Feministas*, v.17, n.1, p.251-263, 2009.
- SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. IN: Ângela BORBA, Nalu FARIA e Tatau GODINHO (orgs) *Mulher e Política. Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p.33-54, 1998.